

Acrônimo, 2020

Acrônimo, 2020



Tiragem limitada



nota azul

Projeto gráfico e capa:

Paula Hartz

Diagramação e editoração:

Paula Hartz, Carolina Nobre

Editores:

**Luciano Bedin da Costa, Anna Letícia
Ventre e Tania Galli (in memoriam)**

Conselho Editorial da Nota Azul:

Deisimer Gorczewski

Universidade Federal do Ceará

Denise Espírito Santo da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Edson Luiz André de Sousa

Associação Psicanalítica de Porto Alegre, APPOA

Galvanda Queiroz Galvão

Universidade Federal do Pará

João Anzanello Carrascoza

Universidade de São Paulo

Manoel Ricardo de Lima Neto

Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro

Sabina Anzuategui

Faculdade Cásper Líbero

Silvio Ferraz Mello Filho

Universidade de São Paulo

Simone Zanon Moschen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Tiago Almeida

Escola Superior de Educação de Lisboa

A187

Acrônico, 2020 / Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciano Bedin da Costa (Organizadores). - Porto Alegre: UFRGS/ Nota azul, 2022.

Homenagem a Sandra Mara Corazza

48 p.

ISBN 978-65-5973-086-5

1. Filosofia 2. Poema 3. Sandra Mara Corazza I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira II. Costa, Luciano Bedin da III. Título

CDU: 82

Apresentação.....	11
Acrônico, 2020	13
2020-2021 (por Ana Santos).....	29
AnaCrônica (por Larisa Bandeira).....	35
Autoras.....	39

Produzimos este livro coletivamente no dia 15 de setembro de 2021 em uma aula do Seminário Avançado Metodologia para todos e para ninguém (PPGEdu, UFRGS), em homenagem a Sandra Mara Corazza, que nos deixou de modo surpreendente em 22 de janeiro de 2021. Tivemos como inspiração direta o poema Cronologia, de Ana Santos, presente no livro Fabulário (Confraria do Vento, 2020). O resultado de nossa escrita coletiva foi enviado a Ana Santos, que nos presenteou com o poema 2020-2021, aqui também publicado. O livro tem tiragem limitada de 365 exemplares, numerados de acordo com todos os dias do ano.

A natureza dessa escritura era feita
com lembranças fragmentárias de
linguagem que pululava.

Sandra Corazza

José Carlos Rodrigues, na sala de aula de uma turma de Educação de Jovens e Adultos, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participava de uma Oficina Biografemática. Depois de leituras em voz alta, leituras coletivas de fragmentos e textos, dedicado se colocava em ato de escrita. No último round de uma luta com as palavras, José arriscou uma definição de biografema:

“como quando dois carros se arranham, e um fica com a tinta do outro, mas o espelho retrovisor não cai”.

O que José arriscou passou a ser um modo de dizer do que se trata o biografema, aquilo que o texto provoca, aquele arranhão que arranca a tinta, que avaria a lata-ria, nesse arranhar, as camadas de tinta ficam expostas, mas a tinta do texto é exposta também.

2019. Insistimos em mensurar o tempo em calendários anuais, em semanas de agendas lotadas, em relógios digitais de horas produtivas. Até 2020.

As pequenices dos dias, as minúcias e as delicadezas espremiam-se persistentes, com a força que as coisas leves oferecem. Até 2020.

Ocupado e atarefado o tempo cronométrico passava. Desse modo, os arranhões na lataria eram imperceptíveis.

2021. Os dias contados pela média móvel. Uma média móvel que contabilizava perdas. Perdas irreparáveis. Perdas coletivas.

Janeiro de 2021 – (Ela) – S.M.C, uma perda única.

As levezas as minúcias, as delicadezas necessárias, mais do que em qualquer tempo, e mais do que o tempo, resistem. Aquilo que fica Fora reúne e organiza o coletivo, arranhados pelo texto de um ano improvável, a tinta se mantém nos sulcos da lataria, o espelho retrovisor não caiu, nele ainda é possível ver o que nos trouxe até aqui.

*Larisa da Veiga Vieira Bandeira
& Luciano Bedin da Costa*

Acrônico, 2020

2018 em diante

não lembro dos traços do rosto
nem do motivo pelo qual sorria todas as manhãs
gostaria de ter dito adeus

12 de março

a viagem duraria o resto da vida. Não seríamos
nunca mais as mesmas pessoas. no aeroporto, elas
começaram a surgir assustadoramente, os rostos
nunca mais se viram por inteiro. o retorno, incerto.
As despedidas sim.

16 de março

sem paternidade determinada, com breves localizações
geográficas, gestava o que surgiria, isso que não iniciou,
como todos os outros - no dia 1ª de janeiro - nem
findou em dezembro. da placenta jactante saiu essa
linha persistente e rígida, essa força cortante e isolante,
que passou a ser medida, no instrumento fracassado
de contar o tempo, e que até hoje conhecemos pelo
nome de 2020.

17 de março

o todo já janeiro passou rápido como as enxurradas que marcaram os 4.4 de fevereiro, com um pouco mais de sol e solidão. aqui tudo parou. suspenso, intenso e imenso nada.

18 de março

quis matar o presidente.

21 de março

a morte de qualquer um é eminente, estar com a casa completa de seus habitantes deu a sensação de que ela poderia ficar do lado de fora, ao menos por enquanto. há uma semana estava julgando os italianos e seus exageros. agora isso: a morte à porta forçou a questão. e o mundo sem mim? será assim? simplesmente não mais nada de mim? ora, ora, cai a ficha: este “mim” é só mais um, estar ou não mais no tempo, o que importa aos sobreviventes? e se sobreviver? que fazer para contribuir para o mundo? que posso eu? não sei nada que fazer de útil nessas

urgências tão necessárias. inutilidade. que tenho eu para o mundo? não tem remédio, mas doses de outro tipo: há as literárias para abrandar a dor antecipada da perda de um alguém. sim, tenho a voz para dar ao mundo. eis a singeleza e a despretensão de uma voz. mais uma. eis aqui algo no mundo que nasce e pode ressoar em algum ouvido, depois da morte de mim.

23 de março

já pareciam séculos

31 de março

um ano que não se deu,
mas transbordou
em 2021, 2022...
para imprimir no corpo
o que a alma já sentia
nos falta ar...

Abril

não sei lidar.

01 de abril/ outona a vida

a terra chora a notícia

e jorra

e verte

as águas translúcidas

são lágrimas

suspiros

partidas

ela volta ao rio

as sereias lhe entregam

o pai

retorna à vida

ambos dão-se as mãos

e vão

do vírus profundo

às cachoeiras do mundo

6 de abril

a companhia sequer avisa que o voo nem existiu.

18 de abril

Júpiter, Saturno e Marte em conjunção. apanha do marido. ele odeia seu tom de “professora”.

22 de abril

era para ser festivo, mas a atmosfera era desesperadora, agonia, vazio... um esforço para celebrar a própria vida naquele momento em que não tinha nada a comemorar.

ano estranho que rouba as alegrias simples, o riso fácil, a bebedeira descompromissada...

Sempre é maio de 2020

experiência do tempo perdido

tempo presente-passado-futuro

tudo é pensamento futuro, presente-passado

que dia é hoje?

13 de maio

toca Mistério do Planeta

e ela sopra a vela comemorando - em solitude - seus 26 anos.

15 de maio

mudou-se
deixou o eles
criou o nós

15 de junho

último suspiro
confirmação.
agulhas, tubos, máscaras,
oxigênio,
não deu.
faltou ar.
para ele, para mim, para tantos.
caixão lacrado
enterro vazio
com nome, sem rosto.
silêncio.
e no horizonte
um pôr do sol
vívido e intenso.

Sexta-feira

sentiu saudade de café
na rua José
Bonifácio

10 de julho de 2021

40...

dia de fazer 40...

40 anos de descobertas e aventuras

desalentos e tristezas

pedras e obstáculos que foram ultrapassados e
retirados do caminho

amores, desamores, sexo, carinho, brigas, gritos,
agressões, estupro....

fechamento de um ciclo para entrar em outro

ciclo de (re)olh(ar)es sobre o corpo e a alma
sobre o que amar e ser amada....

amor....

11 de julho de 2020:

ele partiu, inesperadamente, deixando saudade, lembranças, sabedoria, nos surpreendendo. cumpriu seu tempo, fez todo o possível por nós. Amor, cuidado, princípios.

Sábado, final de julho

o hospital não respondia. estaria ela sedada, para não se sentir confusa? domingo, faleceu. “não adianta ir ver, está dentro de um saco e não podemos ter contato.”

16 de agosto, inverno

aperto

rosto amassado

ossos doem

braços e pernas presos

tronco limitado

as articulações gemem

a escuta é azeda
o gosto é alto
um cérebro sente
aquilo sem corpo é força
vibrar e
vibrar
e gritar
e gritar
e a pele queima, brilha, reluz (!)
nasce-se...

Respirar

De um setembro para o outro

é de sopro e de flor que nascem os sonhos
tal qual é a mesma força que os faz retornar
o instante não é pura brevidade
é também semente
pois tudo que deita sob a terra do descanso
permanece no vívido calor da memória

16 de setembro

R. nascerá,

R. tem tremor,

R. noisinhas

R. 1999

Primavera

foi noite clara

pela manhã revoada

suspirei, abri os braços

aceitei a brisa

depois veio a notícia

ela reagia, agora ela foi...

Uns dias,

vésperas de primavera, emergi sufocado, sufocado,
mas não pude evitar o mergulho nos teus olhos...

implacável sopro das areias do tempo esperando

escutarmos, tirar a concha da areia e levá-la ao

ouvido, prenúncio de efemeridade distópica, lábios

se confundindo em carnes róseas, eternidade

perene das pupilas presas, linhas magnéticas, olhar irresistível e encantador embalando a liturgia pagã, lábios arfantes, lábios acontecendo, carnudos contornos em todas as sensações oniscientes de si encerrando tudo com a dádiva de teu sorriso lindo.

Novembro

quando se atravessa a rua
se espera chegar do outro lado?

9 de novembro

comemorou dia de aniversário
a prova dos 9 do ano
dia de todos os santos de casa
de xangô a buda
no buuu do susto um ufa no tempo

Dezembro

o ano composto por todos os dias que parecem o mesmo
dias de tirania da massa que não conhece o medo

esconde-se atrás de uma fanática esperança
de viver em um lugar em que todos cada vez mais
parecem com qualquer um
e qualquer um talvez seja o tirano fanático
fincado na esperança de abraçar a morte depois da
vida que não queria
arrastam consigo os que queriam viver a vida que
tinham?

11 de Dezembro

deita na cura

31 de dezembro

sem festividades, dia como outro dia, sempre
assim, um dia como outro dia. manhã, tarde e
noite. refeições, ações, pausa, calor. esse diferencia
dos desejos mais potentes. olhar para o que foi,
espiral coluna vertebral e reverte um distorcer.
um não, berro não, sussurro não. um ano que não
acaba e parece dar continuidade. angústia. mas

o não derrubar, corpo resistência. sem cadeiras
voadoras, surtos. corpo inflado, ar preenchendo e
transbordando. vai.

Hoje

hoje comi flores
uma palavra, qualquer palavra
invisíveis teias
seres
fios que nascem
morrem...
invisíveis

2022

quantos anos e semestres nos esperam?

2020-2021 por Ana Santos

“Não há vida
que pelo menos por um momento
não tenha sido imortal.”

Wisława Szymborska

já não durmo: toda noite
minha janela é um farol absurdo
e a lua é quase
um objeto doméstico

mas alguém sonha em mim
talvez uma menina
vinda de quando sabíamos
que dia é hoje, que horas são
de quando não nos afogávamos
em terra firme
sob os olhos de abutres
ao som do anticanto das sirenes

há esta nova forma de morrer
há o que fica
e o que nasce enquanto
reaprendo o sentido
de nunca mais

“corações batem nos ovos”
escreveu Wislawa
sobre as derrotas da morte
“corações param de bater
corações são perecíveis”
escrevo agora, em pânico
faço o que posso para guardá-los
do nunca mais
o que posso não basta
e ovos goram, corpos vivos tornam-se
imagens indistintas na memória
rastros
levando a nada

salvam-me as delicadezas
o pequeno mar nas conchas
a companhia dos pássaros
minha crença intermitente
em anjos, o suposto
peso da alma:
vinte e um gramas

salva-me a existência de uma planta
que vive cem anos e floresce
uma única vez
para morrer em seguida
salva-me essa ideia
de floração
como último suspiro
como esforço de vida

AnaCrônica **por Larisa da Veiga Vieira Bandeira**

“O que o vírus faz é sequestrar a maquinaria celular da célula: a partir desse momento, ela deixa de trabalhar para sua sobrevivência e passa a multiplicar as fitas de RNA e produzir as proteínas virais.”

O que a poesia faz?

O que a poesia sequestra?

Para o que que a poesia trabalha?

O que multiplica e produz uma poesia?

Esse livro breve provém de uma aula, de uma aula que aconteceu em uma tarde de setembro do ano de 2021/2020, na junção alquímica de afetos promovida por Paola.

Estar em setembro no calendário significa que estamos há 18 meses vivendo/morrendo/insistindo/resistindo em uma Pandemia

Enquanto se cuidava dos textos, das experimentações e das minúcias da aula, a poesia de

¹ www.paho.org/pt/covid19

Ana Santos chegou às mãos e aos olhos de Luciano. Para a aula acontecer é preciso cuidar “das coisas”, esse cuidado prévio e necessário com as coisas da aula ocupa o corpo dos professores.

A poesia, quando é uma “das coisas” da aula inicia uma contaminação.

Algumas pessoas são acometidas de insistente vontade de ler novamente, de ler com os outros, trata-se de casos sintomáticos. A poesia de Ana Santos é sintomática.

A poesia de Ana sequestrou a maquinaria celular da aula, chegou pelo Fabulário (2017) e o poema “Cronologia” foi “a pequena centelha que inspirou essa produção”.

Ana faz dos contaminados pela sua poesia crianças anacrônicas d'O quintal das pitangas² que ouvem uma voz vinda de longe: “o buraco é fundo, termina o mundo!”.

² O quintal das pitangas, disponível em: www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Poema-Ana-Santos

A poesia de Ana anuncia o fim do mundo e trabalha para a sobrevivência das delicadezas, pela sobrevivência da ideia de floração.

Para essa contaminação não temos vacinas, não adiantam as máscaras, não há tratamento.

Por ser sintomática e muitas vezes acontecer em aulas é possível cortar verbas na tentativa frustrada de diminuir a contaminação, o acesso, a leitura.

Mas a poesia se multiplica exponencialmente, e ao se expandir volta para Ana e retorna aqui.

salva-me a poesia de Ana em conta-gotas,
multiplicada em vagalumes que batem na tela

que não fecha mais
há esta nova forma de viver
que tateamos juntos

Autoras

Ana Carolina Acom

Ana Santos

Anajara Detânico

Angelica Vier Munhoz

Caroline Silva da Luz

Cláudia Patrícia Nunes Almeida

Claudia Regina Rodrigues Carvalho

Cristian de Oliveira Andersson

Daniella da Costa Nery

Darlan Gebing Scheid

Eduarda Ritzel

Ester Maria Dreher Heuser

Fabiano Neu Pinto

Giselly Tiago Ribeiro Amado

Gláucia Figueiredo

Hassan Pereira Jalil

Iáscara Oara de Jesus

Inauã Weirich Ribeiro

Isabel Cristina Dalmoro

Jailza dos Santos Martins

Jesse da Cruz

Juliana Olders dos Santos
Kauan Santos Almeida
Larisa da Veiga Vieira Bandeira (org)
Luciano Bedin Da Costa (org)
Luzia Costa Rodeghiero
Manuela Tatiana Garcia
Maria Janete de Lima
Martha Giudice Narvaz
Micaela Koch Schmitt
Michele Lopes Leguiça Correa
Oreste Pereira de Oliveira
Paola Zordan
Priscila Lourenzo Jardim
Rita Paula da Silva Bruço
Sarah Leão Lopes
Sheyla Werner Freitas
Sônia Regina da Luz Matos
Tamires Guedes Dos Santos
Tatiana de Mello Ribeiro Cruz
Tiago Amaral Sales
Veronica De Lima Mittmann

Produzido em fonte Lora, impresso pela Gráfica
da UFRGS no verão de 2022.

#vaiteruniversidadepublicasim